

A SARÇA ARDENTE E O SOLO SAGRADO: UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA CRISTÃ EM CHAVE ECOLÓGICA SOBRE ÊXODO 3,1-6

THE BURNING BUSH AND THE SACRED GROUND: A CHRISTIAN THEOLOGICAL
REFLECTION IN ECOLOGICAL KEY ON EXODUS 3,1-6

Reginaldo de Abreu Araujo da Silva¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de fazer uma reflexão teológica em perspectiva ecológica de um texto bíblico a partir de autores cristãos para contribuir com a conscientização da necessidade da respeitabilidade e do cuidado ecológicos da natureza, do mundo, da humanidade e da vida. O estudo será realizado com base em estudiosos da Bíblia para analisar um trecho bíblico que é de Êxodo 3,1-6, em que dois elementos da natureza chamam a atenção: a sarça ardente, um pequeno arbusto, e o solo, que é nomeado como sagrado pelo Deus bíblico Iahweh.

Palavras-chave: Bíblia, ecologia, sarça, solo.

Abstract: The purpose of this article is to make a theological reflection in an ecological perspective of a biblical text based on Christian authors to contribute to the awareness of the need for ecological respectability and care of nature, world, humanity and life. The study will be conducted on the basis of Bible scholars to examine a biblical passage from Exodus 3, 1-6, in which two elements of nature draw attention: the burning bush, a small bush, and the soil, which is named as sacred by the biblical God Yahweh.

Keywords: Bible, ecology, bush, soil.

Introdução

A ecologia é um tema importante na atualidade, pois, como nos ensina o teólogo Leonardo Boff, diante da crise ecológica caracterizada pela ameaça da vida das pessoas mais pobres e pela ameaça das várias espécies de vida no planeta (BOFF, 2015, p. 14-15), e diante da consciência da crise caracterizada pelo reconhecimento de que “a Terra é um planeta

¹ Mestre e Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP), fregi@hotmail.com

pequeno, superpovoado e limitado em seus bens e serviços” (BOFF, 2015, p. 16), está ocorrendo que “a ecologia está sendo evocada” e os ecólogos agora “ocupam a cena ideológica, científica, política, ética e espiritual” nas sociedades contemporâneas (BOFF, 2015, p. 18).

Partindo do último aspecto elencado por Boff no cenário social da presença dos ecólogos, o espiritual, faremos uma reflexão sobre um texto bíblico em chave ecológica, pretendendo contribuir para a conscientização da necessidade de cuidar da vida no planeta. A Bíblia Hebraica é o livro sagrado de três grandes religiões: judaísmo, cristianismo e islamismo. Para este artigo optamos pelas contribuições de teólogos cristãos.

1. A leitura cristã da Bíblia em perspectiva ecológica

O estudioso da Bíblia, Haroldo Reimer, tem produzido reflexões relevantes de textos bíblicos em perspectiva ecológica, como por exemplo, no seu livro reeditado recentemente, *Bíblia e ecologia*, pela Editora Reflexão, em cuja apresentação, tem utilizado a expressão cativante de “‘garimpar’ na Bíblia textos em perspectiva ecológica” (REIMER, 2010, p. 7).

Reimer diz que os “textos bíblicos devem ser *fontes* a partir das quais se pode iluminar e abastecer criativamente pensamento e ações nos tempos presentes” (REIMER, 2010, p. 16). Ou seja, podemos utilizar os conteúdos dos textos bíblicos para promover uma aproximação na reflexão entre o ensinamento sagrado e o cuidado ecológico. É possível perscrutar nos textos bíblicos ideias e compreensões que promovam uma consciência ecológica.

Para que o estudo bíblico, a partir de uma perspectiva ecológica aconteça, Reimer diz que “há que se fazer um ‘caminho mental’ que situe o sujeito interpretante dentro da complexidade maior do universo criado” (REIMER, 2010, p. 13). Assim sendo, faz-se necessário pensar a vida com um conjunto, no qual tudo o que envolve a vida esteja incluído, ou seja, os seres humanos e as relações entre si e com todos os elementos da natureza, tais como a terra, o ar, a água, a vegetação e os animais. Junto a todos estes elementos, no caso dos adeptos das religiões há também o elemento Sagrado, com o qual também se relacionam e, por isso, ele faz parte do conjunto da vida.

Leonardo Boff ensina-nos que:

A ecologia é relação, *inter-ação* e diálogo de todas as coisas existentes (viventes ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial. A ecologia não tem que ver apenas com a natureza (ecologia natural), mas principalmente com a sociedade e a cultura (ecologia humana, social etc.) Numa visão ecológica, tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste por meio de uma teia infinita de relações onicompreensivas. Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos. (BOFF, 2008, p. 21).

Assim sendo, o elemento Sagrado, componente idiossincrático das religiões, pode contribuir para que, a partir dele, sejam fomentadas leituras e reflexões que promovam a consciência ecológica e auxiliem a humanidade a se relacionar de modo a defender a vida em todos os níveis da existência.

Para os seguidores das religiões que adotam a Bíblia como seu livro sagrado os conteúdos bíblicos são considerados direcionamentos para seus comportamentos, suas atitudes e, portanto, para suas vidas. Por isso, a produção de leituras e reflexões bíblicas em perspectiva ecológica pode contribuir para o mundo atual em que se faz emergente a consciência da respeitabilidade e do cuidado ecológicos.

Há diversas possibilidades de leituras em perspectivas ecológicas, tais como os *insights* ecológicos que Reimer infere a partir do livro bíblico do Deuterônimo (REIMER, 2010, p. 75-89). Há o livro bíblico de Jó ou dos Salmos que podem ser lidos em perspectiva ecológica (REIMER, 2010, p. 18). Diversos autores têm produzido reflexões ecológicas acerca do tema da criação, componente do livro bíblico do Gênesis, como Luís Kirchner em seu livro *Ecologia à luz da Bíblia e da Moral*; João A. de Souza Filho, em seu livro *Ecologia à luz da Bíblia*; Haroldo Heimer, com os artigos *Em um princípio sobre a linguagem mítica em Gênesis 1.1.2.4a.* e *Projetos de vida, ensaios a partir de Gênesis I-II*, no seu livro *Bíblia e ecologia*. Marcelo Barros que escreveu o artigo *A terra e o céu estão cheios do teu amor: elementos de uma ecologia bíblica*, que se tornou capítulo do livro *Ecologia e espiritualidade: os gritos da Mãe-Terra*, organizado por Marlene Castro Ossami de Moura. Há o volume 38 da Revista Estudos Bíblicos, intitulado *Bíblia e ecologia: “Todas as árvores baterão palmas”*, com produções de autores consagrados da teologia latino-americana: Sandro Gallazzi, refletindo acerca do livro de Daniel, com o artigo *Ele nos livros do Hades, nos salvou das garras da morte (Dn 3,88)*; Antonio Cruz e Airton Otávio, com o artigo *O profeta Elias e a seca – Uma questão ecológica*; Ana Maria Rizzante Gallazi, refletindo sobre o livro de Gênesis, com o artigo *E Javé passeava pelo jardim (Gn 3,8)*; Tea Frigério que

produziu o artigo *Esboço de uma reflexão bíblica sobre meio ambiente* e Luís Mosconi com o artigo sobre o livro do profeta Isaías: *E todas as árvores baterão palmas (Is 55,12)*.

Leonardo Boff tem sido o maior promotor do tema da ecologia nos últimos anos. Em sua obra *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da Mãe Terra*, Boff também faz referência aos temas ecológicos do livro do Gênesis. Questiona o patriarcalismo como gerador de um reducionismo que “agrude o equilíbrio dos gêneros e representa uma ruptura na ecologia social e religiosa” (BOFF, 2015, p. 159). A partir do tema do monoteísmo, tradição judaico-cristã, no Antigo e no Novo Testamentos bíblicos, e do tema do politeísmo, Boff aborda o tema do panenteísmo (e não panteísmo, como ele mesmo os distingue) que vê a ponte entre Deus e o mundo, entre a transcendência e a imanência e afirma: “tudo está em Deus e Deus está em tudo, preservada a diferença de ambos”.

O Deus monoteísta está presente em tudo e em todos como aquela Energia poderosa e amorosa que tudo penetra e sustenta (BOFF, 2015, p. 160). Boff levanta reflexões ecológicas acerca do livro do Gênesis abordando temas como a criação, o dilúvio bíblico, o jardim do Éden e a queda do paraíso. (BOFF, 2015, p. 161-163). Com este breve panorama podemos constatar que a Bíblia tem sido objeto de estudo de muitos estudiosos interessados na leitura teológica cristã em perspectiva ecológica.

2. Algumas leituras em perspectiva ecológica do livro do Êxodo

Impulsionados por esse ambiente intelectual afinado com as questões ecológicas a partir da Bíblia, pretendemos empreender uma reflexão a respeito de alguns versículos do texto bíblico do Êxodo.

Reimer produziu uma significativa leitura de dois versículos do capítulo 23 do Êxodo: versículos 10-11, a respeito da determinação do Deus bíblico para o dia de descanso (o *shabat* hebraico que deu origem ao termo português *sábado* e seus derivados), o ano sabático e descanso sabático da terra (REIMER, 2010, p. 64-74).

A professora e biblista Tea Frigerio produziu o *Esboço de uma reflexão bíblica sobre meio ambiente* (ESTDOS BÍBLICOS, 38, 1993, p.39-47) oferecendo-nos a possibilidade de compreender diversos versículos de livros bíblicos sob a ótica do meio ambiente,

contribuindo, portanto, para uma leitura teológica cristã da Bíblia em perspectiva ecológica. Dentre os textos sobre os quais ela reflexiona, há versículos do Êxodo que interessam particularmente a este artigo.

A seguinte declaração de Tea Frigerio corrobora o que dissemos acima. A Bíblia, que na perspectiva religiosa é a Palavra de Deus, “sustenta o caminho dos que acreditam. Ela norteia atitudes, comportamentos, opções no comportamento intrapessoal e interpessoal com a natureza, a humanidade, o transcendente” (ESTUDOS BÍBLICOS, 38, 1993, p. 39).

Tea Frigerio afirma também que:

Na Bíblia, o meio ambiente, a natureza, é o lugar onde se realiza a história. História e natureza estão intimamente ligadas. Da mesma maneira que se constrói a história, é vista e tratada a natureza.

A natureza na Bíblia não é apresentada como um elemento a mais na criação, ela é perfeitamente associada à história humana; não se pode descrever o pensamento bíblico sobre o meio ambiente, sem nenhuma referência à história (ESTUDOS BÍBLICOS, 38, 1993, p. 40).

A partir disso, Tea Frigerio toca no tema do meio ambiente em relação ao livro do Êxodo:

Enfim, se a experiência de Deus se dá na história, não podemos esquecer que a primeira experiência de Deus, que o povo de Israel viveu, foi de um Deus libertador. “Javé nos livrou da casa de servidão, com mão forte e braço estendido” (Dt 26,7-8). “Cantai ao Senhor, pois manifestou a sua glória, jogou no mar cavalos e cavaleiros” (Ex 15,21) (ESTUDOS BÍBLICOS, 38, 1993, p. 40).

Interessam-nos particularmente os apontamentos da reflexão de Tea Frigerio sobre versículos do livro do Êxodo, pois estes podem servir de preparação para o que este artigo pretende, ou seja, ler alguns versículos deste livro que serão apresentados mais adiante.

A professora Frigerio conduz a reflexão ecológica do ponto de vista do conjunto da vida, que engloba a história e a natureza. Ela faz esta mescla reflexiva: vida-história-natureza. E nesta ótica ela lê alguns versículos do livro do Êxodo:

Os autores do Êxodo, ao guardar a memória da libertação dos hebreus da casa da escravidão, o Egito, associam povo-natureza neste evento. Ao lado das mulheres que resistem (Ex 1,15s), dos grupos que se organizam (Ex 5), é interessante notar a presença constante dos elementos da natureza que se tornam companheiros no

processo de libertação. As pragas, os sinais e prodígios de Deus se realizam na natureza e através dela: água vira sangue, chove pedras; rãs, mosquitos, gafanhotos se unem à organização dos hebreus; a luz vira trevas, encobrindo, cúmplice, os últimos preparativos para a saída. Na hora decisiva da passagem, as águas se abrem para deixar o caminho enxuto aos que estão conquistando a liberdade. Mas as mesmas águas afogam os cavalos e cavaleiros, destruindo a força opressora do Egito (ESTUDOS BÍBLICOS, 38, 1993, p. 41).

Do tema da libertação do povo israelita do livro do Êxodo, Tea Frigerio proporciona-nos, na ótica da ecologia, uma conclusão: “Quando o povo vive livre, livre também é o meio ambiente. Quando o povo é escravizado, escrava também é a natureza” (ESTUDOS BÍBLICOS, 38, 1993, p. 41).

3. Êxodo 3:1-6 em perspectiva ecológica

Reproduzimos, a seguir, os versículos do livro de Êxodo 3: 1-6 dos quais pretendemos fazer uma leitura teológica cristã em perspectiva ecológica:

¹Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. ²O Anjo de Iahweh lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. ³Então disse Moisés: “Darei uma volta e verei este fenômeno estranho; verei por que a sarça não se consome.” ⁴Viu Iahweh que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: “Moisés, Moisés!” Este respondeu: “Eis-me aqui.” ⁵Ele disse: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa.” ⁶Disse mais: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.” Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 105-106).

Este é o primeiro encontro do protagonista do Êxodo com o Deus do seu povo, Iahweh. É o encontro em que Iahweh se apresenta a Moisés e, se continuássemos lendo os versículos subsequentes na Bíblia, acompanhariamos a apresentação do plano de Iahweh para a vocação de Moisés.

O poeta e teólogo André Chouraqui, ao referir-se ao trecho de Ex 3:1-17, dentro do qual está o nosso trecho selecionado para este artigo, brinda-nos com esta declaração: “Os versetos do Êxodo que contam este encontro (Ex. 3:1-17) são pelo estilo, o fruto mais elaborado, mais sutil da composição bíblica.” (CHOURAQUI, 2001, p. 118). A percepção do poeta e teólogo é a de uma cena bíblica em um conjunto da natureza com seus elementos

vivos e não vivos. Ele diz que Moisés vai pastorear o rebanho do seu sogro seguindo o caminho de costume, no fim da primavera, escalando a montanha sagrada (CHOURAQUI, 2001, p. 118). A percepção ecológica de Chouraqui da cena bíblica é explicitada no conjunto dos elementos naturais que ele descreve:

Seguido pelo seu jumento, Moshè escala as vertentes da *Montanha de Elohim*, O Sinai assim chamado desde há tempos imemoriais, talvez devido a fenómenos vulcânicos que aí teriam tido lugar. A sua busca do absoluto exalta-o nos ecos da paisagem fantástica de altas montanhas que rasgam o azul. O ar seco é aqui mais ligeiro, mais exaltante do que em qualquer outro lugar, na altitude em que ele absorve os odores das plantas e das árvores da floresta. Os animais ficam parados, enquanto com o seu passo poderoso ele se eleva a esse lugar em que o espera o anjo de IHVH (Adonai), o seu mensageiro. Descobre-o numa chama de fogo que arde no meio do Bosque. Aos seus pés, a Sarça arde mas não se consome (CHOURAQUI, 2001, p. 119).

Chouraqui lê teologicamente o trecho bíblico em perspectiva ecológica completa incluindo a relação com os outros seres humanos e com o Sagrado visualizando o encontro de Moisés com Deus ocorrido nas solidões da montanha numa relação íntima entre o humano e o divino a ponto de que Deus “mira-se na contemplação de Moshè como no ser do Seu Ser” (CHOURAQUI, 2001, p. 120). E interpreta o diálogo entre Deus e Moisés como uma conversa a respeito da vida do povo ao qual Moisés pertence e da miséria em que o povo vive. A ecologia, como nos ensina Leonardo Boff, é conjunto da relação do homem com os elementos da natureza e do homem com os outros seres humanos, com o povo a que pertence, e com toda a humanidade em geral.

O teólogo Pablo R. Andiñach fala da imagem da sarça ardendo sem se consumir como uma teofania que não era comum entre os povos antigos. Mas explica que uso do artigo definido “a” diante da palavra sarça sugere que “o fenómeno seja conhecido pelo leitor da antiguidade, se não por experiência própria, pelo menos como algo que podia acontecer, sendo, portanto, algo previsível”. Como afirma Andiñach, era comum “a ideia de que Deus se manifesta em fogo” (ANDIÑACH, 2010, p. 53-54).

O teólogo oferece-nos uma possibilidade de compreensão do sentido desta teofania, embora não nos auxilie a vislumbrar uma compreensão ecológica, porém, é importante para nós, uma vez que na dimensão ecológica inclui-se também o relacionamento que o homem religioso tem com o Sagrado. E o sentido que Andiñach nos apresenta será importante para a sequência da nossa análise em chave ecológica. Ele explica que:

... o que surpreende Moisés é que, nesse caso, o fogo não consumia o arbusto; por isso tem curiosidade de averiguar do que se trata. Esse gesto quer marcar a diferença: enquanto Moisés se mostra surpreso com o que ocorre, Deus tem o domínio total da situação e consciência do sentido daquele encontro. Sua voz começará a falar e a dialogar com Moisés, dando-lhe instruções até o fim da unidade em Êx 4.26 (ANDIÑACH, 2010, p. 54).

Valmor da Silva é outro biblista que nos oferece uma breve análise do sentido teológico da experiência de Moisés diante da sarça ardente. Ele pergunta sobre como podemos interpretar tal fenômeno e recorda algumas possibilidades de interpretação, entre elas o estudo da planta com base em outro texto bíblico, o de Deuteronômio 33:16 (SILVA, 2001, p. 45). O versículo bíblico diz: “com o melhor da terra e o que ela contém e o favor de quem habita na sarça;...” (SCHÖKEL, 2017, p. 306). Esta citação interessa à reflexão ecológica que estamos fazendo, pois refere-se ao melhor da terra e o que a terra oferece e que a presença do divino está na sarça.

Podemos vislumbrar um sentido ecológico a partir da comparação, pois segundo outro biblista, Walter Vogels, a palavra sarça, (em hebraico *seneh*, que significa também “moita”) além de aparecer nestes versículos do capítulo 3 do Êxodo, aparece em toda a Bíblia somente mais uma vez, que é no referido texto de Deuteronômio 33:16. Vogels apresenta-nos uma leitura teológica dizendo que “a sarça que não é consumida poderia representar Israel que não foi destruído pela opressão” e sobre o fogo diz que “o fogo é claramente a imagem da presença de Deus” (VOGELS, 2003, p. 92). Ao lado do sentido teológico, podemos vislumbrar uma leitura ecológica, como dissemos, pois Silva chama a atenção para a comparação com o sentido ecológico do texto do Deuteronômio em que a vida será garantida com o melhor da terra e dos outros elementos da natureza, como o orvalho e as águas, a ação do sol ao amadurecer os frutos, os melhores produtos dos montes antigos e das colinas eternas, o melhor da terra e sua riqueza, conforme o texto de Deuteronômio 33:13-16. (Bíblia de Aparecida, <https://www.a12.com/biblia/antigo-testamento/deuteronomio/33>).

Chama-nos a atenção a ordem do Deus Iahweh a Moisés para que tire as sandálias dos pés. Como vimos acima, a ecologia é o conjunto da vida, da natureza e do transcendente. Ao ordenar que Moisés tire as sandálias Iahweh quer que ele toque a terra diretamente, sem o calçado que se faz de intermediário entre os pés e a terra. Iahweh quer que Moisés sinta o contato da terra consagrada (Nota 3,1-6 SCHÖKEL, 2017, p. 96). Ou seja, é proposta do Deus Iahweh que o homem se relacione com a Mãe Terra, a qual é consagrada, porque comporta a

experiência humana com todos os elementos da vida, inclusive o sagrado, a presença de Iahweh. O relacionamento deve ser completo, pois sendo completo é que se caracteriza como ecológico.

Muito interessa-nos o artigo do biblista Sandro Gallazi, empenhado na defesa do meio ambiente no Estado do Pará, norte do Brasil, intitulado *Êxodo 3 e o Profetismo Camponês*, publicado no número 16 da Revista Estudos Bíblicos com o título: *A memória popular do Êxodo*. Para Sandro Gallazzi, Moisés no capítulo 3 do Êxodo, ao receber a vocação e a missão conferidas por Iahweh, é vocacionado como profeta por excelência, caracterizado como profeta camponês (ESTUDOS BÍBLICOS, 16, 1987, p. 69).

Esta compreensão de Gallazzi é importante para a reflexão teológica cristã em chave ecológica, a que nos propomos realizar, uma vez que oferece a análise do protagonista dos versículos selecionados, como vocacionado do transcendente, portanto, homem que vive seu relacionamento com o elemento sagrado, num conjunto da vida, marcada pelo cotidiano do trabalho no campo. Os versículos forneceram a informação de que ele é pastor do rebanho e que estava exercendo o seu trabalho de pastorear. Chouraqui fala que Moisés meditava sobre o que se via, se ouvia, se dizia, na casa do seu sogro, o sacerdote Jetro, ou seja, vivia-se em família a experiência religiosa (CHOURAQUI, 2001, p. 120).

A sensibilidade ecológica de Gallazzi, ao nomear a vocação de Moisés como de um profeta camponês, traz o elemento ecológico do conjunto da vida em que a pessoa está envolvida em distintos segmentos: a vida pessoal, o trabalho, a relação com a natureza, com o Sagrado. Gallazzi antecipa o caráter da vocação do homem Moisés que será o líder do povo a ser constituído, povo de Israel, com os hebreus que emigrarão do Egito, terra da escravidão sofrida pelos hebreus. Para Gallazzi, a vocação ecológica de Moisés implica no significado da sua vida futura, que implicará no relacionamento com um grupo imenso de pessoas que formarão um povo.

Moisés entra em cena como um pastor do deserto, um pastor de pequeno rebanho. Todo o livro do Êxodo vai mostrar que a grande missão de Moisés será conduzir o rebanho-povo para além do deserto. O ponto de partida agora é o deserto. Este é o lugar para onde Moisés fugiu por medo do Faraó (Ex 2,15). Mas, é também o lugar da experiência religiosa das tribos seminômades. E o sogro de Moisés é um sacerdote (ESTUDOS BÍBLICOS, 16, 1987, p. 70).

Segundo Gallazi, Moisés subiu a montanha conduzindo o rebanho, buscando locais de pastagens e buscando Deus, a partir da sua experiência de pastor e da sua experiência religiosa, vivida em família na casa do sogro, o sacerdote Jetro. A novidade de Ex 3:1-6 é a de que o encontro com Iahweh não será mais em árvores altas, como nos cultos populares antigos, mas em um pequeno arbusto, uma sarça. A natureza é espaço onde Deus se revela. Ecologia!

Iahweh chama Moisés pelo nome (Ex 3,4). Moisés responde a Iahweh, quer ir até ele. Mas, segundo Gallazi, não é para ele que Moisés deve se dirigir. “Deve ficar onde está. Deve descobrir que *a terra* que ele pisa é *terra santa*. É a terra da roça, do trabalho, do suor. Terra livre = terra santa” (ESTUDOS BÍBLICOS, 16, 1987, p. 70). Essa terra santa é solo sagrado. É onde se encontra Deus, é onde se pastoreia o rebanho e de onde se tira o sustento para a vida.

Neste sentido, o teólogo Carlos Arthur Dreher complementa a compreensão do solo sagrado do trabalho. Ele explica que no texto de Ex 3:1-6 ocorre uma redução: do monte de Deus, o monte sagrado, o texto encaminha para a planta sagrada, e da planta sagrada para o chão sagrado. Segundo Dreher, o monte de Deus era o lugar da teofania. Mas a atenção se transfere para a sarça, que é um pequeno arbusto que tem duração curta. E não é para a sarça que Deus chama a atenção. Ela é o meio de cativar a atenção de Moisés para aquilo que Iahweh quer dizer: a terra é que é santa, o solo, é que é sagrado. Dreher diz que o “chão é santo”. Ele convida à análise da “santidade da terra como meio de produção” e interpreta a palavra terra em hebraico, *adamah*, com o sentido de “terra da lavoura, o meio de produção!” Dreher afirma ecologicamente que Iahweh quis dizer a Moisés que o “chão em que estás é santo, quer dizer: o *lugar em que trabalhas é santo! Onde produzes, aí está Deus!*” (ESTUDOS BÍBLICOS, 16, 1987, p. 66-67).

Esta visão ecológica de Dreher fica clara quando ele explica que o objetivo de Iahweh manifestar-se a Moisés é para dar-lhe a missão de conduzir os hebreus escravizados no Egito à liberdade. É no chão do Egito que o povo geme debaixo da escravidão. Mas é no chão santo, no solo sagrado, que o povo produzirá sua vida com liberdade e seu sustento.

Considerações finais

O caminho reflexivo que percorremos foi o da interpretação teológica do texto bíblico selecionado, a partir de autores cristãos, os quais ofereceram-nos elementos para uma reflexão em chave ecológica.

Pudemos reflexionar a respeito do texto bíblico selecionado de Ex 3:1-6 em perspectiva ecológica uma vez que partimos do conceito de ecologia defendido por Leonardo Boff de que “a ecologia é um saber de relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos” (BOFF, 2015, p. 19). No trecho de Ex 3:1-6 encontramos a relação do homem com um povo ao qual ele foi destinado com uma vocação de pastor-do-rebanho-povo; o relacionamento do homem com os elementos da natureza ao seu redor, quais sejam a água, o sol, os ventos, o fogo, o rebanho de ovelhas, a planta e a terra; o relacionamento entre o homem e o divino, favorecendo ao humano a compreensão da natureza e, especialmente, da terra como constitutivas do universo sagrado, da dimensão espiritual na qual o divino estabelece que se trate a terra como elemento santo, local sagrado onde a vida se desenvolve e deve ser preservada.

Pudemos compreender que o texto bíblico orienta o leitor à admiração da terra, ou seja, à conscientização de que a terra é sagrada porque dela se tira o sustento e nela se garante a vida e ela não pode ser utilizada até o seu esgotamento, que causa a injustiça ecológica, fruto da relação depredadora para com a natureza, como afirma Leonardo Boff (BOFF, 2015, p. 227). Pois, o solo sagrado é um meio para que haja a possibilidade de que todos os seres humanos tenham o necessário para se alimentar e poder viver. No entanto, esclarece-nos Boff, no mundo atual os mecanismos de empobrecimento das classes sociais, a colonização das pessoas e a exploração das riquezas, atrelados ao desenfreado uso da terra para a produção cada vez mais gigantesca para o abastecimento dos mercados, são causadores da “dupla injustiça: da injustiça ecológica e da injustiça social, ambas entrelaçadas pela mesma lógica da exploração e da devastação da comunidade de vida” (BOFF, 2015, p. 227).

O homem religioso pode contribuir para o aumento da consciência ecológica no mundo atual, uma vez que a reflexão sobre o livro sagrado e, neste caso, sobre o pequeno trecho selecionado do Êxodo, possibilitou a compreensão de que na sarça ardente está presente o divino indicando que é preciso tirar as sandálias dos pés e fazer a experiência de tocar, com profundo respeito e com todo o cuidado, o solo sagrado para que a vida seja

garantida. Pois, como afirma Leonardo Boff, a “vida dever ser amada, cuidada e fortalecida, e quando debilitada dever ser regenerada” (BOFF, 2015, p. 252).

Concluimos com a afirmação de Leonardo Boff sobre a sacralidade da vida e dignidade da terra sagrada: a “vida é sagrada. Portanto, a Terra viva, a Mãe Terra, é sujeito de dignidade. Tem direito de viver e ver garantidas todas as condições da continuidade e reprodução de sua capacidade vital” (BOFF, 2015, p. 253).

Referências

ANDIÑACH, Pablo R. *O Livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. Trad. Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

Bíblia de Aparecida, <https://www.a12.com/biblia/antigo-testamento/deuteronomio/33>
Acessado em abril de 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CHOURAQUI, André. *Moisés: Profeta do mundo moderno?* Lisboa: Instituto Piaget, 2001. (Coleção História e Biografias).

DREHER, Carlos Arthur. “As Tradições do Êxodo e do Sinai”. In: VVAA. *A Memória Popular do Êxodo. Estudos Bíblicos*, n. 16. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIGERIO, Tea. “Esboço de uma reflexão bíblica sobre meio ambiente”. In: VVAA. *Bíblia e Ecologia: “Todas as árvores baterão palmas”*. *Estudos Bíblicos*, n. 38. Petrópolis, Vozes, São Leopoldo, Sinodal, 1993.

GALLAZZI, Sandro. “Êxodo 3 e o Profetismo Camponês”. In: VVAA. *A Memória Popular do Êxodo. Estudos Bíblicos*, n. 16. Petrópolis: Vozes, 1987.

KIRCHNER, Luís. *Ecologia à luz da Bíblia e da moral*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1994.

MOURA, Marlene Castro Ossami (org.). *Ecologia e Espiritualidade: os gritos da Mãe-Terra*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

REIMER, Haroldo. *Bíblia e Ecologia*. São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. Trad. Ivo Storniolo, José Bortolini, José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2017.

SILVA, Valmor da. *Deus ouve o clamor do povo: Teologia do êxodo*. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Teologias bíblicas).

SOUZA FILHO, João A. *Ecologia à luz da Bíblia: Deve a igreja exercer uma ação prática no sentido de preservar o meio ambiente?* São Paulo: Editora Vida, 1992.

VOGELS, Walter. *Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuteronomio*. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Bíblia e história).

VVAA. A Memória Popular do Êxodo. *Estudos Bíblicos*, n. 16. Petrópolis: Vozes, 1987.

VVAA. Bíblia e Ecologia: “Todas as árvores baterão palmas”. *Estudos Bíblicos*, n. 38. Petrópolis, Vozes, São Leopoldo, Sinodal, 1993.